

Se não faltassem os remadores...

Sem médicos, enfermeiros e auxiliares, o Rema, por enquanto, é apenas um programa de filosofia elogiável que não funciona

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

O Rema ainda não remou. Dois meses e dois dias depois de sua implantação, o Programa de Reformulação do Modelo de Atenção à Saúde (Rema) não saiu do lugar. Nem bem engatinhou e já padece de mal crônico. O diagnóstico é grave: faltam profissionais, matéria-prima imprescindível para o funcionamento do novo modelo.

Sem médicos, enfermeiros e auxiliar de enfermagem — o tripé do programa —, o Rema esbarrou naquilo que a população temia: chegar aos centros e postos de saúde e não ter profissionais para atender os pacientes. A cena é cotidiana e familiar. Virou filme que já se viu, novela em reprise. Hospitais abarrotados de gente, centros de saúde lotados, demora no atendimento e nervos à flor da pele de quem recorre ao sistema público de saúde.

Desta vez, a denúncia parte dos próprios médicos. Eles elogiam a filosofia do programa, mas admitem que entre idéia e prática há um hiato intransponível.

"A concepção do Rema é boa, mas falta pessoal para executá-lo", afirma a pediatra Solange Maria Cardoso, chefe do Centro de Saúde nº 3, na QNL 3, em Taguatinga. O centro de saúde abrange as quadras QNL e QNJ, que abrigam uma po-

pulação estimada em 80 mil pessoas.

E a médica prova o que fala: "Conforme prevê o programa, montamos as salas destinadas ao atendimento do adulto, da criança e da mulher, mas não existem profissionais suficientes para trabalhar nelas."

A sala de atendimento ao adulto está fechada. Não há sequer um clínico dos quatro que estão previstos para o centro. A sala da criança, que só no mês passado fez 628 atendimentos, trabalha precariamente com dois pediatras. Apenas um ginecologista, sobrecarregado e à beira de um estresse, atende na sala da mulher, fazendo o impossível.

Em julho, o médico Luiz Gonzaga Mota realizou, sozinho, 629 atendimentos. "É uma média de 16 pacientes por dia, em período integral, de terça a sexta-feira", diz.

Apesar do cansaço aparente, Mota faz elogios ao Rema: "É válido e pode dar certo, se houver contratação de mais profissionais."

REVOLTA

Nos corredores do Centro nº 3, os cartazes afixados na parede alertam: "Não temos médico clínico". Para a população, o aviso chega a soar como insulto. "E onde estão eles? Cadê a tal reforma que iam fazer na saúde?", indagava, revoltada, a dona de casa Áurea Carvalho dos

Santos, 53 anos. "Isso é uma falta de respeito com a população", bradava.

Desde às 7 hora da manhã de ontem, ela aguardava sua vez para fazer ficha. Às 11h30, ainda não tinha sido atendida. "Minha filha de 13 anos a cada dia emagrece mais, sente dores no corpo e nunca consegui marcar uma consulta para ela nos centros de saúde nem no hospital de Taguatinga", denuncia.

Ontem, graças a uma ajuda providencial, na base da camaradagem, a Regional do Gama cedeu o clínico Ildo João Bastianello César para fazer atendimento no Centro nº 3.

"Tenho uma carga de 40 horas semanais e dividi em 20 no Gama e 20 aqui", explica César.

"No Gama, a situação também é muito complicada, devido à área de abrangência externa (população do Entorno). Além disso, como estamos em época de campanha política, é muito comum recebermos pacientes que vêm de mais diferentes estados, financiados por políticos", critica o clínico.

REPETIÇÃO DO DRAMA

E a história se repete. Mudam apenas os endereços e as personagens. Os dramas e dificuldades são idênticos. No Centro de Saúde nº 9, de Samambaia, também faltam profissionais para que o Rema emplaque. "A gente faz o que pode", confessa Ester Araújo Nogueira, chefe da enfermagem. "Há dias que tem médico, há dias que não. Mas quem procura o centro não volta sem atendimento, nem que receba apenas orientação do auxiliar de

Raimundo Paccó



Rosa de Jesus chegou às 4h, com esperança de ser atendida à tarde

enfermagem", garante.

Ontem, a pernambucana Rosa Maria de Jesus, 69 anos, era o retrato da desolação e do cansaço. Moradora da Expansão de Samambaia, desde as 4 horas da madrugada ela esperava a vez para ser atendida. Tinha uma ferida enorme na mão — parecia um tumor —, em consequência de uma queda sofrida há poucos dias. "Parece que eles vão me atender à tarde", dizia, de cócoras, na porta do Centro.

ACESSO

Para o secretário adjunto de Saúde, Antônio Alves, o Rema "está remando, sim". Segundo ele, "o conjunto de ações que fazem parte do Rema não se esgota na questão única do atendimento. Por exemplo, estamos informatizando a rede para otimizar recursos, desenvolve-

CONSULTAS

Julho 95 (antes do Rema)	Julho 96 (com o Rema)
Asa Sul 23.558	28.286
Asa Norte 17.345	17.420
Gama 49.783	52.648
Taguatinga 51.128	56.229
Ceilândia 48.663	57.158
Sobradinho 31.847	37.397
Planaltina 25.230	27.252
Guará 18.449	20.106
Brazlândia 12.727	14.808
Total 278.73	311.304

* Centros de Saúde (ambulatorios/emergências)

Fonte: Secretaria de Saúde

mos treinamento de pessoal, reformamos hospitais, implantamos o plano de carreira de cargos e salários".

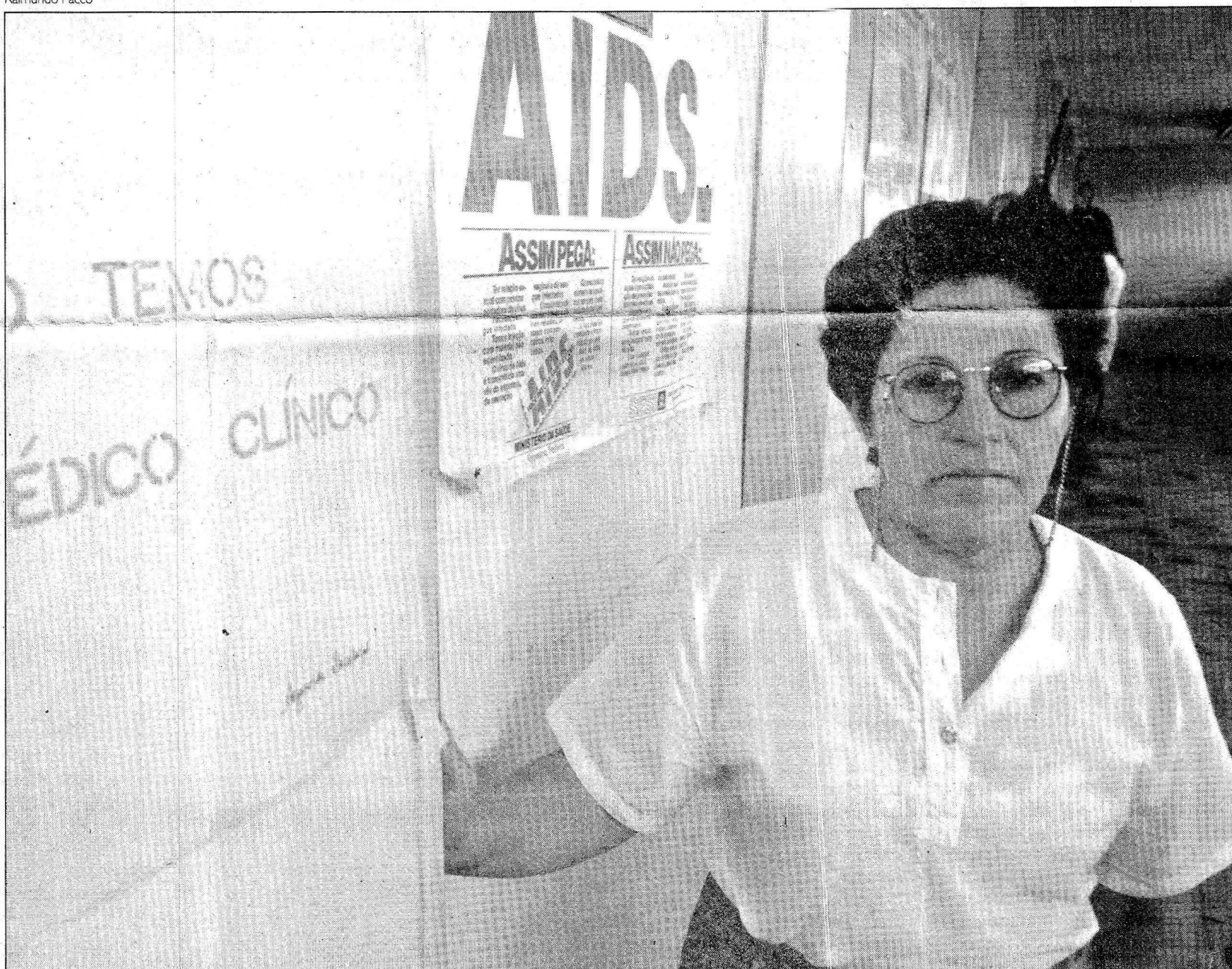
Em relação aos atendimentos, ele mostra os números (ver quadro) que apontam a movimentação nos centros de saúde do DF antes e depois da implantação do programa. "Uma coisa é fato: melhorou a oferta de serviço à população e o acesso que ela tem ao sistema de saúde pública", garante Alves.

A falta de profissionais, admite o secretário, é um "dado concreto". "O governo vem tentando junto à União a autorização para contratar 128 médicos e 116 enfermeiros concursados para suprir a carência de recursos humanos", informa. "Nossa carência é de 661 médicos. Não resolve, mas ameniza o problema", finaliza.

MEMÓRIA

No dia primeiro de agosto, o Governo do Distrito Federal, por meio da Secretaria de Saúde, lançou o Programa de Reformulação do Modelo de Assistência à Saúde (Rema). A filosofia do programa era, dentre outras coisas, facilitar o atendimento da população em todos os postos e centros de saúde do DF e, consequentemente, desafogar as emergências dos hospitais públicos.

Para isso, foram criadas salas de acolhimento da criança, do adulto e da mulher nos centros de saúde. O Rema previa a existência de uma equipe multidisciplinar, em que médicos, enfermeiros e auxiliares de enfermagem teriam papéis interligados. Nas salas de acolhimento, seria feito um pré-atendimento. O paciente chegaria e seria examinado. Dependendo da avaliação do profissional que o atendesse, o paciente seria encaminhado ou não a algum hospital. Belo projeto se não houvesse um grave empecilho: faltam profissionais nas unidades de saúde para fazer esse trabalho.



Áurea chegou ao centro de saúde, em Taguatinga, às 7h. Às 11h30 não tinha sido atendida e desabafou: "Onde estão os médicos, cadê a tal reforma que iam fazer na saúde?"